

# CHEGADA DOS EVANGÉLICOS EM ALAGOAS: A CONSTRUÇÃO DOS PRIMEIROS TEMPLOS

Vivian Kruger Geier<sup>1</sup>

Adriana Capretz da Silva Manhas<sup>2</sup>

## Resumo

Os evangélicos chegaram a Alagoas em 1885, por meio dos batistas, e fundaram a primeira igreja evangélica da cidade de Maceió (e terceira do Brasil, seguida do Rio de Janeiro e de Salvador). Em um país oficialmente católico, os evangélicos não possuíam grande liberdade para expressar suas práticas e crenças. Somente em 1889, com a separação entre Estado e Igreja, esses grupos adquirem maior liberdade e podem construir suas igrejas com aparência exterior de templos religiosos. Este estudo revela o processo de construção destes templos do ponto de vista arquitetônico, além das dificuldades e discriminações sofridas por tais grupos na sociedade alagoana no final do século XIX e no início do século XX.

**Palavras-chave:** Religião. Arquitetura religiosa. Protestantismo no Brasil.

## Introdução

O Brasil, desde sua colonização, foi marcado pela religiosidade. As igrejas católicas eram núcleos formadores de novas vilas. Era a partir delas que novas cidades se formavam, traçando ruas e localizando ao redor de si os serviços públicos.

Até o século XIX, poucas foram as aberturas dadas a outras religiões. Isso se deve também ao fato de o catolicismo ser vinculado ao Estado, o que dificultava a introdução de outros grupos. No entanto, em meados do século XIX novas expressões religiosas começam a chegar ao país, inicialmente através de aberturas dadas à imigração.

---

<sup>1</sup> Aluna do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado - da Universidade Federal de Alagoas, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas.

<sup>2</sup> Arquiteta, Doutora em Ciências Sociais, Docente do Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado, Orientadora de Dissertação.

Os primeiros grupos protestantes que chegaram ao Brasil foram os formados por luteranos, presbiterianos, batistas e metodistas, sendo que todos eles sofreram com a intolerância religiosa de uma nação com forte tradição católica. Em Alagoas, no nordeste do país, isso não foi diferente: os primeiros protestantes foram perseguidos e discriminados. Após tentativas, os batistas foram os primeiros a conseguir se fixar no território alagoano e estabeleceram em Maceió a terceira igreja batista do país, no ano de 1885, seguida das cidades de Rio de Janeiro e Salvador.

As diversas mudanças do local do templo, bem como os relatos escritos, demonstram as dificuldades vividas por este grupo ao iniciar o trabalho em um território católico tradicional.

O presente trabalho discorre sobre a inserção deste grupo no território alagoano, a localização de suas primeiras salas de culto, as lutas e dificuldades que sofreram os primeiros protestantes em Alagoas no final do século XIX e no início do século XX.

### **Católicos x Protestantes**

A Igreja Católica Apostólica Romana, como representante do cristianismo por vários séculos, aos poucos adquiriu influência e poder, crescendo em número de fiéis, em quantidade de templos e dando lugar a práticas inconsistentes com os valores iniciais do cristianismo. Desde o século XII, pessoas em vários lugares da Europa posicionaram-se contrários aos abusos que vinham sendo cometidos, no entanto, muitas de suas vozes foram abafadas.

No século XVI, o monge alemão Martinho Lutero rompeu com a Igreja Católica, escrevendo 95 teses onde a acusava principalmente da venda das indulgências, que teriam o poder de “perdoar pecados”. Foi o estopim para um movimento que já vinha ganhando forças, a chamada “Reforma Protestante”, que culminou com a divisão da Igreja Católica e o surgimento dos chamados protestantes ou reformadores (COLLINSON, 2006).

A reação católica a esse movimento culminou na “Contra-Reforma”, que buscava recuperar o terreno perdido para os reformadores. Uma das estratégias utilizadas foi a criação de ordens, como a dos Jesuítas, que obtiveram êxito em missões de colonização em países católicos, entre eles, o Brasil recém-descoberto (HULBUT, 1967). Desde então, até o século XIX, a religião oficial brasileira passou a ser a católica, assegurando sua exclusividade por uma legislação que a unia ao Estado.

Dentre os vários movimentos surgidos a partir da Reforma Protestante, têm-se os “luteranos” (Alemanha), os “calvinistas” (França) e os “anglicanos” (Inglaterra) (COLLINSON, 2006). A partir dos anglicanos surgiram os chamados “separatistas”, que deram origem aos batistas na Holanda, em 1609.

A partir deste período, o grupo protestante começou a crescer e se espalhar por vários países, inclusive nos Estados Unidos da América. De acordo com Souza (2008), foi no período em que as colônias norte-americanas estavam sendo formadas (entre os séculos XVII e XVIII) que alguns batistas migraram para os EUA e se consolidaram junto às classes menos favorecidas, inclusive entre os negros escravos do sul do país. A partir do século XVIII, os batistas norte-americanos iniciaram o trabalho de envio de missionários a vários países ao redor do mundo.

### **O século XIX e a chegada dos protestantes no Brasil**

Desde o período colonial, a presença protestante no Brasil foi esporádica e insignificante, restringindo-se a alguns franceses huguenotes e holandeses reformados, que não intencionavam expandir suas igrejas no país com a conversão de brasileiros (PRADO, 2008), situação que se manteve até a chegada da Família Real ao país, em 1810.

Até então, a única religião reconhecida no país era o catolicismo, mas a corte portuguesa trouxe consigo uma comitiva de ingleses, de religião anglicana, levando à criação de uma legislação específica para regular a religiosidade e os cultos dos estrangeiros no Brasil (MAFRA, 2001).

Muitos dos primeiros protestantes do Brasil eram imigrantes europeus, que se fixaram predominantemente no sul e sudeste do país. Entre esses grupos, a intolerância não gerava grandes problemas, pois a maioria não tinha intenções de expandir suas crenças ou converter brasileiros à sua religião. As maiores dificuldades estavam entre aqueles missionários que vinham ao país com o intuito de converter brasileiros ao protestantismo.

A Igreja Presbiteriana, por exemplo, que se estabeleceu por volta de 1855 no centro do Rio de Janeiro, era formada em sua maioria por estrangeiros, mas também alguns brasileiros. Esses grupos eram recebidos pela população nativa com um misto de curiosidade, pela novidade trazida, aliada à hostilidade e perseguição (MAFRA, 2001).

No início, boa parte dos brasileiros convertidos ao protestantismo era constituída de pessoas de profissões humildes, “como carpinteiros, sapateiros, funcionários de serviço e, em uma proporção menor, mulheres, costureiras, bordadeiras, professoras também trabalhadoras na região central da cidade” (MAFRA, 2001, p.22).

Um dos fatores que incentivava essas pessoas a ingressar nessa nova religião era a possibilidade de igualdade e dignidade, pois todos poderiam sentar-se nos bancos (diferentemente das igrejas católicas brasileiras que possuíam uma ala separada destinada aos escravos, ao fundo da igreja). Além disso, os fiéis poderiam ser educados na leitura das palavras sagradas, o que influenciou a abertura de muitas instituições de ensino protestantes, como algumas escolas presbiterianas e batistas existentes até os dias atuais. Estas, aos poucos atraíram até mesmo filhos de tradicionais famílias católicas, pela qualidade do ensino que era oferecido (MAFRA, 2001).

O trabalho dos missionários batistas em território brasileiro teve início em 1860, com o norte-americano Jefferson Bowen, que já havia trabalhado na causa em outros países. Sua atuação causou indignação na imprensa, conforme relata uma reportagem publicada no Diário do Rio de Janeiro:

Dizem-nos que um pastor americano, ultimamente chegado de Richmond, traz a intenção de converter as almas desgarradas às seitas anabatistas, que professa [...] Tal pregação pode desviar diversos prosélitos entre as inteligências broncas e incultas, estabelecendo, no país uma seita cuja manifestação é inconvenientíssima. À autoridade compete a verificação do fato (PEREIRA, apud PRADO, 2008, p. 38).

Diante de ameaças, o missionário teve de voltar aos Estados Unidos e o trabalho batista teve continuidade no Brasil somente em 1865, com a chegada de um grupo de imigrantes à região de Santa Bárbara, no interior paulista. Neste local foi fundada a primeira Igreja Batista em solo brasileiro, porém voltada aos imigrantes. No entanto, foi através desse grupo que um casal de missionários norte-americanos foi trazido ao país para iniciar o trabalho com os brasileiros (PRADO, 2008).

Em 1881 desembarcaram no Rio de Janeiro William e Anne Bagby, que se instalaram em São Paulo para aprender o idioma local. No ano seguinte mais um casal missionário norte-americano se junta a eles, Zachary e Kate Taylor, além do alagoano Antônio Teixeira de Albuquerque, um ex-padre considerado o primeiro pastor batista brasileiro (PRADO, 2008).

Os casais Bagby, Taylor e o pastor Teixeira escolhem a cidade de Salvador para sediar o início do trabalho entre os brasileiros e fundam ali a “Primeira Igreja Batista Brasileira”, em 15 de outubro de 1882 (MEIN, 1929). A segunda igreja foi fundada pelo casal Bagby em 24 de agosto de 1884, no Rio de Janeiro, sendo nomeada Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro (MEIN, 1929).

### **Alagoas e a chegada dos Protestantes**

No século XIX Alagoas passou por inúmeras transformações, dentre as quais a transferência da capital para a cidade de Maceió, em 1819. Enquanto nova sede do governo, a cidade crescia em população, estrutura e poder. O catolicismo acompanhava esse crescimento, inaugurando a Matriz de Maceió em 1859, numa suntuosa construção neoclássica, e até o ano de 1868 a cidade já contava com seis igrejas católicas (COSTA, 1939).

O centro da cidade, reflexo daquela época, revela vestígios de quando a religião estruturava o lugar. As igrejas, no centro das vilas, orientavam o espaço ao seu redor, organizando a vida social da comunidade e guiando o traçado urbano (PASSOS; GUERREIRO, 2004). Diversas ruas no centro de Maceió tiveram seu traçado influenciado pelas construções religiosas, como a Rua do Livramento, que ligava a capela do Livramento e a Igreja Matriz, atual Catedral Metropolitana (COSTA, 1939).

Nesse contexto de dominação católica, no ano de 1874, pouco antes da implantação dos batistas no Estado, Maceió foi surpreendida pela chegada de um missionário americano, John Rockwel Smith, pastor da Igreja Presbiteriana (PRADO, 2008), que iniciou uma série de pregações públicas em um sobrado no Centro de Maceió, à Rua do Comércio.

Durante os primeiros dias de atividade do pastor tudo ocorreu com tranquilidade, mas logo começou a perseguição, inclusive com apedrejamento na casa em que as conferências eram realizadas. Como o pastor Smith não cortava a barba, foi apelidado por padres de “frei bode”, apelido que perdurou aos protestantes até aproximadamente as décadas de 1950 e 1960. Devido às perseguições, o reverendo Smith teve de sair da cidade e se estabeleceu em Recife, onde fundou, em 1878, a Igreja Presbiteriana do Recife (PRADO, 2008).

Em 1885, Antônio Teixeira de Albuquerque retornou à terra natal, não mais como padre, mas como pastor, trazendo consigo dois missionários batistas norte-

americanos (o casal Taylor), para fundarem a Primeira Igreja Evangélica Batista de Maceió, o que aconteceu no dia 17 de maio, a primeira igreja evangélica implantada em solo alagoano (PRADO, 2008).

### **Os Batistas de Maceió**

A Primeira Igreja Evangélica Batista de Maceió foi organizada com dez membros, entre os quais o ex-padre alagoano, sua esposa e o casal norte-americano de missionários. Em princípio localizava-se em um imóvel alugado no Centro de Maceió, na Rua da Lama, atual Rua Dr. Luiz Pontes de Miranda (MEIN, 1929).

No início do trabalho, a não possuía condições de se sustentar sozinha, recebendo ajuda de igrejas batistas norte-americanas. A direção para as atividades também vinha de fora, da Igreja Batista da Bahia, passando a vir de Recife após 1887, quando os batistas se instalaram em Pernambuco (MEIN, 1929).

Na cidade de Rio Largo, nas proximidades de Maceió, novas frentes de trabalho batista começavam a ser desbravadas, já sendo relatados avanços no trabalho em 1894, bem como nas cidades de Pilar e Atalaia (MEIN, 1929).

Assim seguiram as atividades da igreja até 1900, quando finalmente foi enviado para Maceió um novo missionário, Jefté Hamilton. Enquanto esteve à frente dos batistas do Estado, o missionário conseguiu organizar duas novas igrejas, inaugurar uma pequena escola e dois jornais evangélicos (MEIN, 1929).

Durante a estadia do missionário Hamilton, “A sala de cultos era contígua à residência dele, servindo de batistério um tanque na área de sua casa, na Rua Nova<sup>3</sup>, nº. 13” (MEIN, 1929, p.22).

São desse período alguns dos relatos de perseguições sofridas pelo grupo. Devido à forte ligação da Igreja Batista com os norte-americanos, as perseguições feitas na época traziam fortes acusações, como relata Hamilton:

A oposição do nosso trabalho está intensa e violenta. Artigos, alguns sendo anônimos, saem nos jornais, propagandas de toda qualidade de mentira. Um acusa-nos de sermos emissários do governo dos Estados Unidos para que mais tarde possamos entregar o país aos americanos (HAMILTON, apud MEIN, 1929, p.23).

---

<sup>3</sup> A Rua Nova atualmente possui o nome de Rua Barão de Penedo, também no Centro de Maceió.

Por volta de 1908 começaram a circular notícias da presença da Igreja Presbiteriana em solo alagoano, fixando-se em um templo no Centro, próximo ao bairro da Levada. Já em 1910, a casa de cultos batista havia mudado de localização, funcionando à Rua São José (atualmente conhecida como “Beco São José”), nº 4. No local também funcionava uma escola literária, que iniciou seus trabalhos em 1909 (MEIN, 1929).

Essas mudanças constantes de endereço revelam não apenas as necessidades de expansão ou dificuldades advindas de aluguéis, como também a dificuldade de fixação devido às constantes perseguições sofridas pelo grupo. No entanto, já em 1916 os batistas começaram a planejar a aquisição de um templo próprio, visando evitar maiores transtornos. John Mein relata o espírito dos membros da igreja com a idéia e a aquisição do terreno próprio:

Mereceu da mesma forma, a nossa particular atenção a construção do nosso templo. Era graça observar o espírito, supinamente irônico, com que os crentes encaravam a idéia da possibilidade de edificar uma casa para a igreja [...] até darmos o primeiro passo na aquisição do belo terreno ladeado pela Rua 16 de Setembro e Avenida Formosa, tendo em frente uma espaçosa praça, onde a Intendência tenciona construir um logradouro público (MEIN, 1929, p. 38)

O terreno adquirido localizava-se no bairro da Levada, limítrofe do Centro de Maceió. A Figura 1 a seguir mostra um mapa com as diversas localizações da Primeira Igreja Batista de Maceió até a aquisição do terreno próprio, em 1916. No início do século XX, o bairro da Levada estava em crescimento, caracterizando-se pela expansão residencial e pela construção de um mercado popular em suas proximidades (COSTA, 1939), e já era um bairro conhecido como prestador de atividades comerciais ligadas ao setor alimentício.



Fig. 01: Mapa com localização das edificações que abrigaram a Primeira Igreja Batista de Maceió. Fonte: Secretaria Municipal de Controle e Convívio Urbano de Maceió, s/d.

O templo da Primeira Igreja Batista de Maceió só pode ser concluído em 1923, quando os cultos foram transferidos em definitivo para o edifício pertencente à igreja (MEIN, 1929). Neste mesmo período o templo da Igreja Presbiteriana também já estava em funcionamento.

### Dificuldades e restrições legais

As dificuldades para a inserção destes grupos religiosos no Brasil durante o século XIX não se restringiam à predominância católica, ou à intolerância sofrida pelos membros das igrejas protestantes. A própria legislação que vigorava nos tempos do império sustentava uma posição que privilegiava a religião católica.

No período de vinda da Família Real ao Brasil, D. Pedro instituiu um tratado de tolerância aos cultos não católicos, no entanto, essa aparente abertura trazia algumas restrições na aparência dos locais de culto e nas práticas religiosas. Quanto aos locais de culto, os templos, não deveriam ter aparência exterior que os diferenciavam das demais construções (ABUMANSUR, 2004). Estabelecia-se que:

[...] as sobreditas igrejas e capelas sejam construídas de tal modo que externamente se assemelhem a casas de habitação; e também que o uso dos sinos não lhes seja permitido para o fim de anunciarem publicamente as horas do serviço divino (DUNCAN, apud ABUMANSUR, 2004).

A Constituição do Império de 1823 protegia institucionalmente os católicos e suas práticas religiosas, permitindo-lhes o culto externo e interno. Já para as demais

religiões as regras eram diferenciadas, aceitando-se somente culto interno, com intervenção do poder público àqueles que desobedecessem à determinação legal (ABUMANSSUR, 2004).

Segundo a Constituição vigente na época do Império, "Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo" (CONSTITUIÇÃO POLÍTICA DO IMPÉRIO DO BRASIL, apud ABUMANSSUR, 2004). Eis o motivo para o qual muitas das igrejas não-católicas formadas durante o século XIX não terem adotado a forma de templo, ou não possuírem templo próprio, reunindo-se em casas.

Somente em 1891, com uma nova Constituição, a Igreja foi separada do Estado, permitindo a liberdade de culto interno e externo para todas as religiões. Mas é preciso destacar que, mesmo havendo liberdade garantida pela Constituição, a sociedade da época não estava habituada a mudanças, o que fez com que muitos sofressem discriminação durante o fim do século XIX e início do XX, conforme afirma Abumanssur (2004):

É difícil dizer se essa interdição, no início da presença evangélica no Brasil, tornou-se a razão de uma tradição arquitetônica entre os protestantes de origem missionária, mas o fato é que, mesmo depois da interdição ter sido levantada no período republicano, eles continuaram, em muitíssimos casos, a se reunir em templos com *aparência exterior de habitação* (ABUMANSSUR, 2004, grifo do autor).

Os templos evangélicos só puderam começar a ser construídos com aparência externa de "igreja" após 1891, e, mesmo assim, havia manifestações de intolerância religiosa para com os membros destes grupos (MEIN, 1929), reflexo da acentuada religiosidade católica que vigorava. Por esse motivo os evangélicos, com sua identidade e costumes próprios, tinham dificuldade de adaptar-se (PASSOS; GUERREIRO, 2004).

A construção das igrejas evangélicas em Maceió, nas proximidades do bairro Centro, data do início do século XX. Neste período, a cidade começava a se expandir, com o surgimento de outros bairros como Farol, Bebedouro, Levada, Trapiche e Jaraguá (COSTA, 1939). O centro da cidade configurava-se como área comercial, juntamente com Jaraguá, deixando aos demais bairros a função residencial.

Apesar de conservadora e ainda predominantemente católica, a população local consentiu na construção dos templos evangélicos na área central da cidade, que naquele

momento se expandia. É de se notar, entretanto, que estas edificações foram locadas nas proximidades de outro bairro já em crescimento, a Levada, que atraía pessoas de variadas classes sociais.

A edificação pertencente à Primeira Igreja Batista de Maceió (Fig.02), por exemplo, guarda em sua aparência resquícios das dificuldades de aceitação da sociedade alagoana da época. Externamente, o prédio assemelha-se a qualquer outra edificação existente na cidade, sem elementos característicos de edifícios religiosos, como torres, sinos ou símbolos cristãos.



Fig. 02: aparência original do tempo da Primeira Igreja Batista de Maceió.  
Fonte: Acervo Primeira Igreja Batista de Maceió, s/d.

Dentre as outras dificuldades encontradas por esses pioneiros, relatos de pessoas presas, insultos e agressões praticados contra os chamados protestantes em diversas partes do território nacional foram descritos por Harrison apud Prado (2008): “Perseguições estão agora nos apertando por todo lado [...] Quatro soldados da igreja presbiteriana estão na cadeia há um mês. Seu crime é a leitura da Bíblia. Ninguém conseguiu libertá-los até agora” (HARRISON, apud PRADO, 2008, p. 45).

### **Considerações finais**

Mesmo diante das dificuldades enfrentadas pelos pioneiros, reflexo da mentalidade conservadora existente no país desde a colonização, o trabalho do grupo de

evangélicos constituídos pelos batistas expandiu-se e abriu as portas para a inserção de outros grupos protestantes no Estado de Alagoas.

Atualmente, o crescimento destes grupos, chamados de “evangélicos”, abrange inúmeras denominações, que crescem espantosamente em diversidade e número. Lopes Júnior (1999) afirma, de modo extremamente otimista, que pesquisas apontam para um crescimento da população evangélica no país que poderá ultrapassar 55 milhões de pessoas no ano de 2010, podendo chegar a 50% da população em 2022.

O crescimento e diversidade religiosa existente atualmente refletem a liberdade religiosa que sucedeu a dominação católica colonizadora. Os modos de inserção e atuação destes grupos evangélicos na sociedade também foram modificados e continuam a surpreender, influenciando até mesmo outros segmentos religiosos mais tradicionais.

As diferenças não ocorrem apenas nas redes de sociabilidade, práticas religiosas ou crenças, mas também se refletem na construção de seus templos. A arquitetura guarda a identidade da denominação e revela os distintos modos de inserção destas igrejas no espaço urbano, pois os grupos atuam no meio modificando-o e compondo territorialidades próprias que definem suas relações espaciais, culturais, identitárias e simbólicas.

### **Referências Bibliográficas**

ABUMANSSUR, Edir. **As Moradas de Deus: Arquitetura de Igrejas Protestantes e Pentecostais**. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2004.

ARAÚJO, Cristiane Ribeiro de Mello. Arquitetura, deslocamento do imaginário religioso na paisagem urbana. **Revista de Antropologia Urbana**. Ano 4, v.4, n.5, fev.2007.

COLLINSON, Patrick. **A Reforma**. Tradução: S. Duarte. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

COSTA, Craveiro. **Maceió**. 2ª edição. Maceió: SERGASA, 1981.

LOPES JUNIOR, E. O protestantismo no nordeste do Brasil. In: SILVA, Lurdes Marques (Org.). **Dynamiques Religieuses en Lusophonie Contemporaine**. Paris: Éditions Karthala, 1999, p. 291-309.

MAFRA, Clara. **Os evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

MEIN, John. **A Causa Batista em Alagoas** (1885-1926). Recife: Tipografia do Colégio Americano Batista, 1929.

PASSOS, João Décio; GUERREIRO, Silas. Metamorfoses Religiosas no Centro Antigo de São Paulo: variações sobre a Paisagem e o Espaço. **Revista Ciências Sociais e Religião**. Porto Alegre, ano 6, n. 6, p.117-133, out.2004.

PRADO, Evilásio R. **Conquistando Alagoas para Cristo: breve história dos Batistas de Alagoas**. Maceió, 2008.